

Oportunidade única



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Jair Bolsonaro é um veterano frequentador de tribunais superiores na figura de réu. Ele está acostumado ao fugaz estrelato, seguido de acusações e julgamentos. Ainda militar, jovem, impetuoso, ameaçou jogar bombas na escola militar que frequentava por causa de baixos salários. Criou muita confusão, fez discursos em porta de quartel, tentou sublevar seus colegas de farda e acabou punido pela instituição com prisão e, posteriormente, julgamento, que deveria conduzi-lo à expulsão do Exército. Fez acordo com oficiais graduados e conseguiu ser colocado na reserva remunerada com a patente de capitão. Essa vida militar, rápida e tumultuada, o levou a descobrir as delícias da política.

Ele percebeu que, apesar de sua loucura, era ouvido por militares e civis desgostosos com os rumos do país. Há malucos de todos os calibres soltos na sociedade brasileira. Uns até juram receber o espírito do saudoso Ulysses Guimarães. E há quem acredite. Mas Bolsonaro ficou no plano terreno. Ele disse que os militares deveriam ter matado mais de 30 mil brasileiros para restabelecer a ordem dentro do país. Fez reiterados elogios à tortura e aos torturadores. Pleiteou o retorno do país aos tempos de AI-5 e da censura da imprensa. E foi um presidente da República singular: não defendeu seu povo na pandemia.

Dizia que a covid era uma “gripezinha”, que não o afetaria porque tinha perfil de atleta. E, além disso, não tinha nada a ver com a morte de milhares de brasileiros porque “não era covão”.

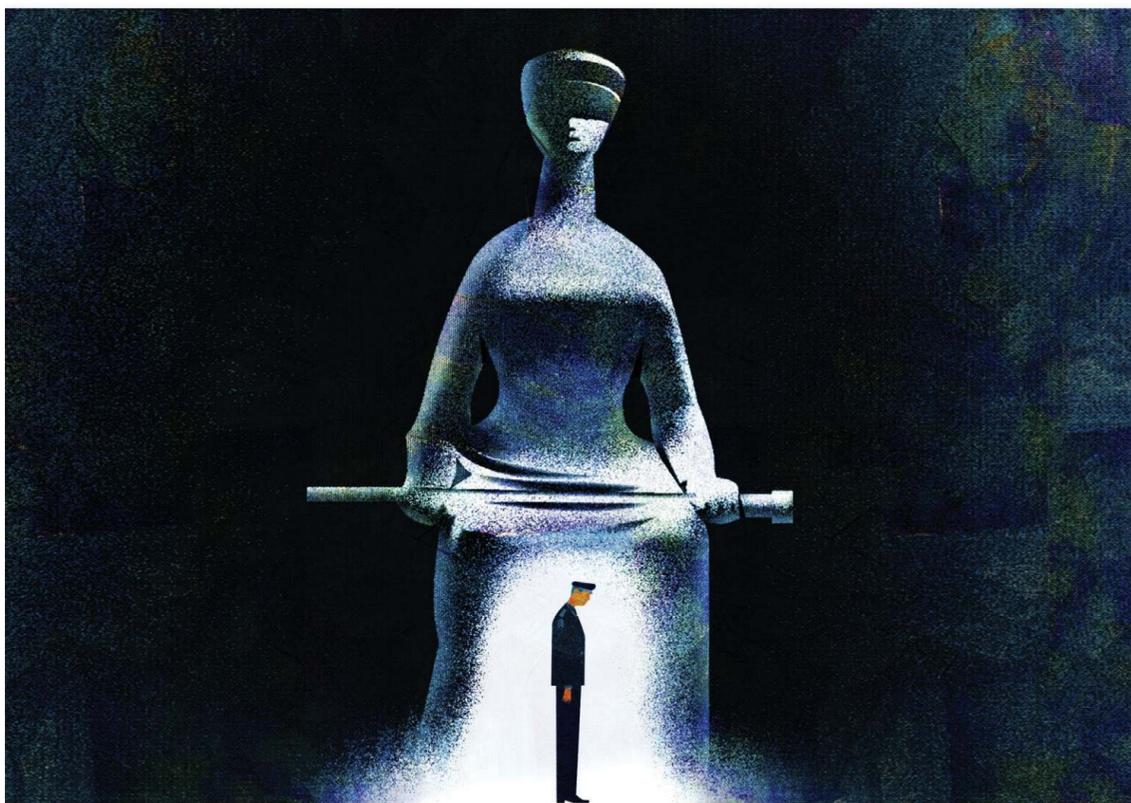
Como um cometa da política, atravessou o cenário brasileiro e desapareceu no horizonte das medidas judiciais. Um dia as provocações contra os poderes institucionais deixaram de assumir o caráter irresponsável para se transformar em pesado. Conheceu os limites. Disse que não mais cumpriria decisões judiciais. Mas terminou sentado no banco dos réus. Naquele instante, o Brasil deixou de pertencer ao reino do realismo fantástico da América Latina para emergir como sociedade razoavelmente organizada sob o controle das leis. Bolsonaro é um veterano frequentador de tribunais. Para ele, é apenas mais um degrau no caminho do esquecimento. A Ação Penal 2.668 abre uma nova página na história do país. Tempo novo, desconhecido e ainda por ser explorado. As reações serão fortes, a começar pela obtusidade do atual governo norte-americano.

Ele está inegável, preso em casa e com tornozeleira eletrônica à espera da condenação. Haverá esforço contrário, de forças políticas que se sentem prejudicadas pelo simples fato de que, no Brasil, existem leis que devem ser aplicadas a qualquer cidadão. Há uma antiga tentativa de votar algum tipo de anistia para os que participaram do movimento de 8 de janeiro de 2023. Quem esteve por perto viu que não foi um passeio no parque, nem uma brincadeira de bêbados no domingo. Foi algo profissional, como o arrombamento do teto do Congresso, que dá acesso ao Salão Verde e foi alcançado graças a uma escada de cordas. Coisa de profissional. Antes ocorreu o episódio da

bomba no Aeroporto de Brasília. Os fatos foram largamente expostos. Fugir deles é covardia. Eles são de uma clareza capaz de afetar até olhos menos sensíveis.

O fato é que a República brasileira é, desde seu primeiro dia, uma cascata de crises institucionais, que sempre opuseram civis a militares. Há uma sucessão incrível de golpes, tentativas de golpes e contragolpes ao longo dos anos republicanos no Brasil. O sistema presidencialista é uma fábrica de crises. A Ação Penal 2.668 abre a perspectiva única de que haja uma inflexão na história política do Brasil e o país se encontre com suas realidades. A presença de generais de alta patente no banco dos réus é mais relevante que o eventual destino de Jair Bolsonaro. O país, afinal, coloca-se diante de seu verdadeiro problema institucional. Militares e civis precisam aprender a conviver no mesmo ambiente político.

O inimigo brasileiro é externo. Não está dentro do país, embora sempre existam traidores de todos os matizes. A moderna questão nacional é o tráfico internacional de drogas, armas e de dinheiros suspeitos que frequentam altas rodas da sociedade. O acordo entre União Europeia e Mercosul, que está na véspera da aprovação, terá força para modificar e modernizar a economia dos países do continente. Nele há uma cláusula democrática. O Brasil precisa se livrar do passado autoritário e se preparar para o novo tempo, que exige do governante decisões rápidas e precisas. A missão da geração que realizou a Constituinte de 1988 se concluiu no julgamento da Ação Penal 2.668. A partir de agora, há um mundo inexplorado à frente dos políticos brasileiros. Compete a eles aproveitar ou não essa oportunidade única.



Praça Zumbi dos Palmares: reflexo do descaso com as pautas raciais



» NAYANE CRUZ
Pesquisadora, terapeuta,
gestora cultural

Vejo um homem negro encarando a estátua de Zumbi dos Palmares na praça em frente ao Conic, local icônico da zona central da capital federal. Olhar para ele é como olhar para a praça: em cores cinza e marrom. Com aspecto sujo, abandonado.

As pessoas passam os olhos por ele, mas não o veem. Conversando com o busto, levanta os olhos como se buscasse os de Zumbi, gesticula como quem tem muito a dizer. Eu o observo de longe e sinto que ele retira forças daquele lugar, que esse era um momento importante do dia. Isso me fez lembrar da primeira vez que estive ali: cheguei respeitosamente, toquei a estátua e me senti diferente, presente. Existe uma forte e verdadeira energia naquela praça que nos conecta a Zumbi, Dandara, às nossas histórias e à continuidade do que somos.

Se essa conexão foi possível para ele e para mim, posso afirmar: esse espaço tem muito mais para oferecer à população preta de Brasília — e a todos que por aqui passaram — do que atualmente oferece. Hoje, esse espaço está abandonado, como a Praça dos Orixás. São dois espaços dedicados à cultura preta em Brasília que estão abandonados, depre-

queimados — usados, na melhor das hipóteses, uma vez por ano. Faço uma pergunta direta à população preta da cidade que busca locais para se reconhecer, para ver suas expressões culturais e valorizar nossa cultura: lembramos que temos um espaço para aquilombar nesta cidade? Se a resposta for não, saibam que o plano deles está funcionando.

Se existe um lugar onde podemos reconhecer e reconectar que nossos passos vêm de longe — de guerreiros, reis, rainhas e sábios — e fortalecer nossa existência presente, esse é um bom alvo para ser atacado. Assim como os quilombos foram. Não querem que os pretos se reúnam e sintam a mudança na vida que o aquilombamento traz. Nos afastar é nos enfraquecer e nos tornar mais vulneráveis às escravidões modernas: o individualismo crescente, o consumismo desenfreado e o distanciamento do olhar para o outro. Enquanto isso, a cidade se torna cada vez mais deles, e menos nossa.

O racismo estrutural e institucional em Brasília é um dado concreto. As políticas de igualdade racial recebem um dos menores investimentos — e os poucos espaços públicos que temos são negligenciados. Pesquisando sobre reformas, encontrei uma notícia do **Correio Braziliense**, de 28 de julho de 2010, anunciando que a praça passaria por reformas, sob responsabilidade da Administração de Brasília e da Prefeitura Comunitária do Setor de Diversões Sul, que firmaram um termo de cooperação para custear a manutenção. No entanto, ao consultar o *Diário Oficial da União* daquele período, não encontrei confirmação do

investimento. Não sei o valor exato aplicado, mas quem observa a praça hoje percebe que, claramente, não houve reforma.

Essa desigualdade espacial não é fruto do acaso, mas resultado de um planejamento urbano que invisibiliza corpos e culturas negras, perpetuando exclusão e precarização. Como lembra Milton Santos, o espaço urbano brasileiro é historicamente organizado para servir aos interesses de uma minoria, enquanto exclui e marginaliza as maiorias negras e periféricas.

A ausência desses territórios de referência não afeta apenas nossa presença cultural, mas também nossa saúde mental e coletiva. Lélia Gonzalez já apontava que o sentimento de não pertencimento — imposto pelo racismo institucional — corrói a autoestima e alimenta o racismo internalizado. O abandono de espaços, como a Praça Zumbi dos Palmares, amplia o isolamento social, a sensação de invisibilidade e fragiliza a capacidade de resistência da população preta.

Proponho que pensemos juntos em alternativas de resgate e firmamento da Praça Zumbi dos Palmares. Espaço que merece nossa dedicação para que reviva como quilombo, agregando na construção da nossa identidade, das nossas relações sociais e culturais, na promoção da saúde coletiva, na educação popular e na ocupação dos espaços públicos.

Não há contentamento com placas e fotos em inaugurações. Queremos orçamento, estrutura e políticas reais. Como disse Angela Davis: “Não aceito mais as coisas que não posso mudar. Estou mudando as coisas que não posso aceitar”.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br



Uma capital em risco

Brasília nasceu para ser a capital do futuro. Projetada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco em 1987, a cidade modernista se consolidou como símbolo da arquitetura e do urbanismo do século 20. No entanto, o que se vê hoje, sobretudo no coração do Plano Piloto, é um processo lento, porém contínuo, de degradação, que ameaça não apenas a paisagem urbana, mas o próprio título de patrimônio mundial.

Nos últimos anos, a ocupação irregular de áreas públicas, especialmente com barracos de lata e construções improvisadas, vem crescendo de forma quase incontrolável — parece que com a anuência dos órgãos de vigilância sanitária e das administrações. A situação é mais visível em locais de intenso fluxo econômico, como a tradicional avenida W3 Norte e Sul, que já foi o polo mais importante do comércio de rua da capital. Hoje, pontos de ônibus e estacionamentos convivem com trailers de metal mal instalados que se transformaram em bares improvisados, lanchonetes ou oficinas precárias, alterando a paisagem pensada por Lucio Costa para ser harmônica, funcional e monumental. “Brasília foi concebida como uma obra de arte coletiva, em que cada detalhe urbanístico dialoga com o conjunto. O que vemos hoje é a descaracterização desse projeto.

Quando se permite a ocupação irregular, a paisagem perde sua coerência e a cidade seu sentido original”, afirma o urbanista Henrique Tavares, professor da Universidade de Brasília. A preocupação não é apenas estética. Especialistas alertam que a crescente desordem urbana pode colocar Brasília sob risco de ser incluída na lista de Patrimônios da Humanidade ameaçados da Unesco — e, no limite, perder a chancela. “O título não é eterno. Ele depende da conservação da integridade do bem tombado. Se a cidade continuar a se deteriorar, a Unesco pode rever a decisão, assim como já aconteceu com outros sítios no mundo”, alerta a arquiteta Marta Campos, pesquisadora de patrimônio cultural. A ocupação irregular de espaços públicos não é um fenômeno isolado. Em diferentes pontos do Plano Piloto, surgem feiras improvisadas, estacionamentos clandestinos e até habitações precárias.

O cenário dialoga com a chamada teoria das janelas quebradas, formulada nos anos 1980 por criminólogos norte-americanos. A ideia central é que sinais de abandono e descuido — como pichações, lixo acumulado, prédios deprezados ou barracos improvisados — criam um ambiente que favorece mais degradação, estimulando o crime, a desordem e o afastamento das pessoas. “Quando uma cidade começa a dar sinais de abandono, a tendência é de que isso se intensifique em efeito cascata. O que hoje é apenas feio, amanhã pode se tornar perigoso. E, no caso de Brasília, pode se tornar também um prejuízo simbólico, já que a capital pode perder o prestígio internacional que conquistou com o título da Unesco”, explica o sociólogo Paulo Sérgio Almeida. O impacto econômico também preocupa.

Com a degradação visível de áreas centrais, Brasília corre o risco de afastar turistas que buscam justamente a experiência arquitetônica e urbanística única da cidade. Além disso, especialistas em políticas públicas alertam que a deterioração urbana pode até afetar a permanência de órgãos internacionais e nacionais na capital. “Nenhuma instituição de peso deseja estar associada a uma cidade em franco processo de decadência. A perda da vitalidade urbana pode gerar até mesmo desvalorização do Plano Piloto, afastando investimentos e funções administrativas”, acrescenta Almeida.

A W3, símbolo maior dessa decadência, ilustra de forma clara o problema. Lojas fechadas, calçadas esburacadas, comércio informal espalhado em trailers metálicos e pontos de ônibus transformados em depósitos improvisados compõem uma paisagem distante do sonho modernista. “A W3 já foi chamada de vitrine de Brasília. Hoje, é um espelho partido da capital. Se não houver ação energética, será tarde demais para recuperar a avenida”, lamenta o arquiteto Roberto Meireles.

Entre promessas de revitalização e fiscalizações pontuais, o fato é que o avanço da degradação segue um ritmo mais rápido do que as medidas de contenção. O poder público parece incapaz de responder à altura, enquanto a cidade — símbolo de modernidade e racionalidade — vai se tornando refém da ocupação desordenada e da indiferença. Brasília, que um dia nasceu para ser vitrine de um país que olhava para o futuro, hoje se vê às voltas com um presente de improvisos, barracos e trailers de lata. Se a teoria das janelas quebradas se confirmar, a lenta corrosão pode se transformar em colapso — e o que foi um dia patrimônio da humanidade pode se tornar apenas mais um caso de descuido e esquecimento.

A frase que foi pronunciada

“O orgulho é muito grande para quem nasceu nesta cidade. Esta cidade tem algo de encanto, é a capital de todos os povos, da esperança, da união, de todos os brasileiros.”

Governador Ibaneis, no discurso de posse

» História de Brasília

Um registro social: hoje, o Newton Araújo, da Prefeitura, faz cinco anos de Brasília. (Publicado em 9/5/1962)